

# ILHA MAIS TRISTE

## Adeus ao violeiro poeta do mar

Personagem ímpar para a cultura de Florianópolis, Zé Agostinho deixa um legado de dedicação e amor aos costumes locais

LAIS NOVO

“Ai, como é bom pescar na beira do mar, onde tem luar”, cantarolava o pescador de histórias, embalado pelo arranjo das ondas e o assobio do vento. Essa e outras cantigas foram entoadas por quem se despediu, na última terça-feira, do folclórico Zé Agostinho, 92 anos, personagem que se fez singular para a cultura da Ilha e que dedicou boa parte de sua vida ao som da sua alegre viola.

Era homem de muitas virtudes, mas nenhuma frescura, como os que se criavam na Barra da Lagoa em 1920, quando a população local se concentrava em quatro casas. Batizado José Manoel Agostinho, nasceu naquela terra emoldurada pelo mar, e de sua riqueza aprendeu a tirar o sustento. Cresceu num tempo em que o inverno castigava e agosto era época de guardar a pesca e se recolher em casa para fugir do frio.

Apaixonado por sua terra, fazia arte

VALDIR AGOSTINHO

Multiartista e filho do violeiro

“  
Papai tinha  
um magnetismo que  
atraía as pessoas.  
Era querido em todos os  
cantos da Ilha

com viola e canções de roda, contando histórias, anedotas e os causos da gente da Ilha, sempre habitados por figuras do imaginário popular, como reis, bruxas e lobisomens.

– A gente não conta história como ele contava. Eu ficava pensando “Meu Deus, de onde que esse homem tira isso”? Porque eram uns causos bem contados, umas histórias de reis e rainhas de arregalar os olhos – recorda Valdir Agostinho, um dos 12 filhos de Zé Agostinho com Osima Ramos Agostinho, o amor da adolescência que o acompanhou por toda a vida.

Valdir conta que o pai era um ho-

mem bem vestido e cheio de charme, que sabia combinar bem as cores e estava sempre de chapéu.

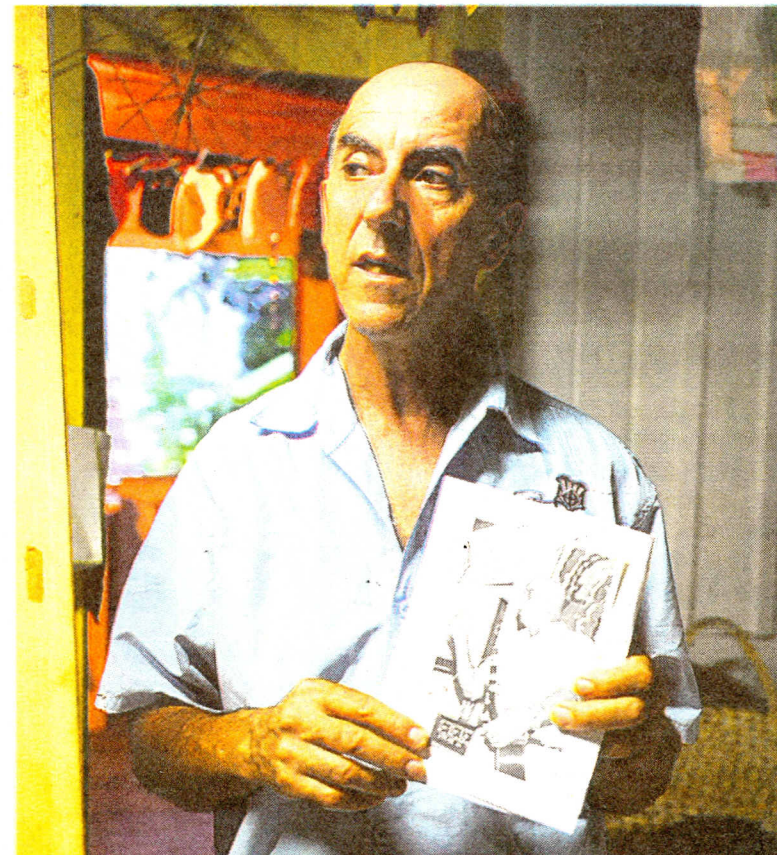
– Papai tinha um magnetismo que atraía as pessoas. Era querido em todos os cantos da Ilha – afirma.

Ele lembra de quando saiu de casa, aos 14 anos, para ser artista, sob o olhar desgostoso do pai, que o queria ao seu lado no barco de pesca.

– Depois o papai começou a me ver na televisão e ficou orgulhoso. Abria os meus shows sempre com um lado folclórico – emociona-se Valdir.

Para o cineasta ilhéu Zeca Pires, que dirigiu *A Antropóloga* e outros filmes que tem Santa Catarina como cenário, a história de vida de Zé Agostinho é uma inspiração.

– Ele viveu intensamente, sempre com uma espontaneidade que deixava todos com vontade de ouvir suas histórias. Sua simplicidade era a sua própria sofisticação – acredita o cineasta, que já espelhou personagens de seus filmes na figura do pescador da Barra da Lagoa.



DANIEL CONZI

Valdir Agostinho mostra orgulhoso a publicação com foto de seu pai